

**QUASE 30 ANOS DE GEOGRAFIAS PROSTITUTAS!**

ALMOST 30 YEARS OF PROSTITUTE GEOGRAPHIES!

¡CASI 30 AÑOS DE GEOGRAFÍAS PROSTITUTAS!

**Victor Dantas Siqueira Pequeno<sup>1</sup>**

**Resumo:** A escrita do presente artigo foi encorajada por motivações pessoais que me levaram a um tema (prostituição) a um objeto (corporeidades de prostitutas/os) e alguns questionamentos (Qual interesse da Geografia para com a prostituição? A prostituição é um fenômeno geográfico? A prostituição está restrita ao espaço urbano? Quem na Geografia têm pesquisado prostituição nos últimos anos?). Na travessia que me propus a realizar, fiz uso da pesquisa bibliográfica e documental. Nos resultados, discuto alguns trabalhos identificados no sítio eletrônico da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) no período 2016-2020. Ao final, permito-me fazer algumas sugestões tendo em vista o movimento coletivo que considero existente e por demais criativo-subversivo para a descoberta de outras geografias prostitutas.

**Palavras-chave:** Prostituição; Territórios; Feminilidades; Masculinidades; Pesquisa Geográfica.

**Abstract:** The writing of this article was encouraged by personal motivations that led me to a theme (prostitution) to an object (corporalities of prostitutes) and some questions (What interest does Geography have in prostitution? Would be prostitution a geographic phenomenon? Is prostitution restricted to urban space? Who in Geography has researched prostitution in recent years?). In the journey I set out to realize, I decided to use bibliographical and documental research. In the results, I discuss some works identified on the website of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) in the period 2016-2020. In the end, I allow myself to make some suggestions in view of the collective movement that I consider existing and too creative-subversive for the discovery of other prostitute geographies.

**Keywords:** Prostitution; Territories; Femininities; Masculinities; Geographic Research.

**Resumen:** La redacción de este artículo fue incitado por motivaciones personales que me llevaron a un tema (la prostitución) a un objeto (las corporeidades de las prostitutas) y algunas preguntas (¿Qué interés tiene la Geografía en la prostitución? ¿Es la prostitución un fenómeno geográfico? ¿Quién en Geografía ha investigado la prostitución en los últimos años?). Para con el camino que me propuse seguir fue utilizado la búsqueda bibliográfica y documental. En los

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria – RS. Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) com período sanduíche na Facultad de Geografía da Universidad de La Habana. Membro do Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Território e Redes (GTTER) - UEMS/CNPq e pesquisador no Laboratório de Espacialidades Urbanas (LabEU). E-mail: [victorpequenogeo@gmail.com](mailto:victorpequenogeo@gmail.com). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8068238340751461>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3258-8171>

resultados, discuto algunos trabajos identificados en el sitio web de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD) en el período 2016-2020. Al final, me permito hacer algunas sugerencias en vista del movimiento colectivo que considero existente y demasiado creativo-subversivo para el descubrimiento de otras geografías prostitutas.

**Palabras clave:** Prostitución; Territorios; Feminidades; Masculinidades; Investigación Geográfica.

## Introdução

Comprometo-me com uma declaração e/ou afirmação que pode ser recebida como polêmica. A Geografia brasileira iniciou na prostituição em 1995. Os responsáveis foram Rogério Matos e Miguel Ribeiro. Onde? No Rio de Janeiro, cidade maravilhosa.

Perguntas e dúvidas me faço. Com você, partilho. Quem são os sujeitos que se prostituem? Quais suas cores? A qual classe pertencem? Quais sexualidades exercem? Qual interesse da Geografia para com a prostituição? A prostituição é um fenômeno geográfico? A prostituição está restrita ao espaço urbano? Quem na Geografia têm pesquisado prostituição nos últimos anos?

A partir destas mergulho em teorias, conceitos e debates, com o objetivo de não somente tentar respondê-las (muito embora, seja difícil esgotar as respostas para tais), mas incitar reflexões e afetações sobre estes processos socioespaciais que são comumente estigmatizados e suscetíveis a juízos de moral, normativas, interdições por distintos agentes e/ou sujeitos.

Fundamento-me numa perspectiva crítica que busca subsídios nas epistemologias feministas e teorias *queer*, estas quais são indispensáveis na mobilização de uma Geografia subversiva (SILVA, 2009) que proporciona leituras e interpretações situadas (HARAWAY, 1995; MILANI, 2021), fomenta uma escrita desobediente (PRZYBYSZ; SILVA, 2019) e reconhece as demandas, vontades e/ou desejos daqueles/as que por muito tempo não puderem falar de si.

A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não-brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. Durante muito tempo, as existências espaciais desses grupos ou de suas ações concretas não foram consideradas “adequadas” como objetos de estudos do campo da geografia. A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser entendida pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades (SILVA, 2009, p. 26).

Isso em vista, tracei alguns objetivos: pretendo retomar as discussões pioneiras em Geografia sobre a prostituição em âmbito nacional; em seguida localizar os estudos recentes (teses, dissertações e alguns artigos) e a distribuição regional dos mesmos. Com a discussão dos respectivos trabalhos, destaco suas potencialidades e limitações. Ao final, sugiro outras abordagens temáticas que podem contribuir para com a difusão dos estudos sobre a prostituição na ciência geográfica.

### **Metodologia**

O presente trabalho é qualificado enquanto um estudo qualitativo-exploratório (GIL, 2002) fundamentado na pesquisa bibliográfica. A coleta dos dados (teses e dissertações de Geografia) ocorreu no sítio eletrônico da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em que foi feita uma busca no modo avançado entre os dias 12 e 14 de maio de 2023. Os critérios de seleção foram: I) trabalhos arquivados entre 2016-2020; e II) títulos e resumos em quais aparecem os termos ‘prostituição’ e/ou ‘prostitutas’.

### **Espaço, prostituição e incursões dissidentes na pesquisa geográfica**

Quando no início do texto eu afirmo que a prostituição se tornou geográfica em 1995, não estou com isso incorrendo numa marcação temporal apressada, muito menos pretendo com isso elaborar uma espécie de análise “evolucionista” da prostituição. Prefiro pensar que as/os sujeitas/os prostitutas/os tenham sido discutidas/os, ainda que brevemente, em pesquisas geográficas anteriores. Ademais, prostituição é tão antiga quanto a civilização humana, e isso pode ser verificado nos esforços empreendidos por Michel Foucault em elaborar uma genealogia da sexualidade.

Feitas tais ressalvas, o ponto do qual parto para refletir em termos teóricos e/ou conceituais os estudos geográficos acerca da prostituição é o texto “Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro” publicado originalmente no ano de 1995 no Boletim Goiano de Geografia e que conta com a autoria dos pesquisadores Miguel Ângelo Ribeiro e Rogério Botelho de Matos.

Uma das argumentações iniciais feitas no referido texto é a de que a migração expressiva de homens portugueses solteiros influíram em práticas que revelaram uma moral duvidosa e uma prosmicuidade quando da submissão de corpos de negros/as escravizados/as para com a prostituição. Tais práticas foram legitimadas pelo próprio Estado, haja vista: “[...] O

estabelecimento da nova aristocracia do café na cidade obrigou a Coroa brasileira a financiar a imigração de prostitutas de luxo europeias, possibilitando a expansão dos lazeres noturnos [...]” (MATOS; RIBEIRO, 1995, p. 59).

Com base nos estudos de Soares (1992), os autores discutiram as modalidades de prostituição que existiam naquela, quais sejam, a clandestina e a pública. A primeira referia-se aqueles corpos que não viviam e se sustentavam exclusivamente da prostituição, ou seja, possuíam outras fontes de renda. O contrário ocorria na prostituição pública, esta qual, segundo os autores supracitados era organizada em três tipos e/ou níveis hierárquicos:

[...] as de primeira (as “francesas”) eram constituídas basicamente por estrangeiras e umas poucas fluminenses que exerciam legalmente a atividade em sobrados localizados no espaço onde se encontra atualmente a área central da cidade. As “francesas” tinham como principais clientes os homens da aristocracia cafeeira e da nobreza nacional. As de segunda ordem estavam espalhadas por toda a cidade e se compunham, principalmente, de negras e portuguesas (ilhoas). A prostituição de terceira ordem era considerada a de mais baixa categoria porque as “rameiras” viviam em casebres mal construídos e insalubres e tinham por hábito se entregar a qualquer um, inclusive para as pessoas de baixa condição social e “moral” (MATOS; RIBEIRO, 1995, p. 60).

Matos e Ribeiro (1995) verificaram também a existência de práticas de prostituição masculina, corpos estes que são identificados como michês. Quanto aos espaços em que tais práticas são exercidas, os autores os definiram enquanto territórios móveis e/ou flexíveis (ruas, avenidas, praças, parques, etc) haja vista os movimentos de contração e expansão que ocorrem diariamente em razão das especificidades dos usos agenciados. Relacionaram estes também com os territórios de medo nos quais a força policial atua de maneira coercitiva e violenta.

Os autores deixaram escapar a discussão dos atravessamentos de raça, nacionalidade e classe entre as mulheres prostitutas. Tais processos têm sido valorizados e debatidos nas últimas décadas sob a luz do conceito de interseccionalidade desenvolvido pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw nos anos 1990.

[...] A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como as ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais

eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Outra limitação refere-se a colonialidade do ser quando se observa um duplo dispositivo de controle e subjugação dos corpos negros femininos.

O colonialismo dividiu o mundo em dois, a partir da ideia de raças diferentes. O mundo é fragmentado a partir dos que fazem parte da raça branca e os demais indivíduos que não fazem parte. Existe uma desvalorização e o futuro do indivíduo que é determinado pela sua cor. Esse padrão determina papéis na sociedade, o branco e o negro têm seus futuros predeterminados [...] (MAIA; MELO, 2020, p. 234-235).

Ponderadas as limitações das ideias de Matos e Ribeiro (1995), não resta dúvidas que o texto abriu fissuras na agenda de pesquisa geográfica e possibilitou incursões de outras/os geógrafos/as que passaram a se preocupar com tais subjetividades e espacialidades.

O próprio Miguel Ribeiro aprofundou suas análises em estudos posteriores, enfocando, por exemplo, a prostituição como vetor de consumo relacionado ao setor turístico:

[...] A presença constante de marinheiros de diversas nacionalidades e de turistas fez surgir hotéis de alta rotatividade, que servem, também, de hospedagem temporária às prostitutas e aos seus clientes. Esse território está completamente voltado para as atividades desenvolvidas na Praça Mauá e nos seus cabarés, boates e bares. Durante o decorrer do dia observam-se prostitutas circulando pela Praça Mauá a fim de atrair clientes para as casas de shows, bem como para os hotéis de alta rotatividade localizados em suas imediações (RIBEIRO, 1998, p. 56).

Bem como, a prostituição masculina e relações homoeróticas em saunas associando-as com o conceito de nanoterritório:

Nas saunas de relações homocomerciais, o risco da repressão policial é menor se comparado à prostituição nos logradouros públicos. A repressão comum que o Estado, através da polícia, exerce sobre esses territórios e as críticas que os moradores das respectivas áreas fazem, costumam ser menores pela discrição dos estabelecimentos – um mecanismo de proteção dos frequentadores e dos boys, não chamando atenção dos transeuntes e mantendo a privacidade dos frequentadores. Podemos aferir que tal situação é praticamente inexistente, ao contrário da prostituição de rua; os mesmos agentes que promovem a repressão no espaço público garantem, por meio de propina, a proteção e o funcionamento dos espaços privados (RIBEIRO, 2015, p. 221-222).

Estas proposições conceituais brevemente apresentadas permite-me avançar temporalmente e epistemologicamente em direção aos estudos geográficos contemporâneos (2008...) e suas correspondências com as teorias *queer* e as epistemologias feministas e como estas têm sido articuladas com o tema da prostituição. Precisarei, portanto, estabelecer outro ponto de partida.

### **Pós-estruturalismos, teorias *queer* e geografias subversivas**

Foi nos anos 2000 que a Geografia brasileira presenciou uma virada *queer*-feminista gestada no interior da Nova Geografia Cultural. Geógrafas e geógrafos preocupadas/os e ansiosas/as em consolidar um corpus teórico-metodológico autêntico o suficiente para reivindicar o reconhecimento de sujeitos (mulheres, pessoas LGBTQ+, quilombolas entre outras) e categorias (gênero, raça, sexualidades, corpo, etc.) consideradas não-científicas o suficiente na arena geográfica foram buscar subsídios nas teorias *queer* encaminhadas por Judith Butler (2003; 2006) e Beatriz Preciado (2011; 2014), no pós-estruturalismo de Michel Foucault (2008; 2015) e nos feminismos de terceira onda (HARAWAY, 1995; ALVAREZ, 1998; LUGONES, 2014, entre outras/os).

Dos/as pesquisadores/as que participaram (e participam) desta missão para com a elaboração de estudos sobre os territórios de prostituição e territorialidades das travestis, são reconhecidos os estudos de Joseli Silva e Márcio Ornat fomentados no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Em sua dissertação (sob orientação da professora Joseli Silva) Ornat (2008) discutiu a as territorialidades de travestis prostitutas em Ponta Grossa - PR sob a luz de conceitos e/ou noções como: *habitus* de Pierre Bourdieu, *performatividade* de Judith Butler, *território paradoxal* de Gillian Rose, entre outros. Ao focar a prostituição diante da experiência e/ou vivência travesti, o autor argumenta que àquela sustenta e/ou qualifica as relações e/ou vínculos, afetos, representação e resistência das travestis.

[...] É apenas na prática da prostituição que elas conseguem um tipo de organização grupal capaz de ser reconhecida e identificada socialmente. Embora haja organizações não governamentais em que a participação das travestis ocorre, a visibilidade do grupo é constituída pelos espaços apropriados pela atividade da prostituição (ORNAT, 2008, p. 49).

Anos depois, Ornat (2011) retomou a discussão e aprofundou seus argumentos sobre os processos descritos anteriormente. A saber, na ocasião, o autor ampliou o recorte espacial (região Sul e Espanha) e contemplou noções outras sobre território (território descontínuo e multiterritorialidade).

[...] propomos a utilização do termo ‘território descontínuo paradoxal’ da prostituição travesti, com ocorrência através da espacialidade Sul do Brasil, com o objetivo de construir a inteligibilidade a este fenômeno. Esta geografia resultante das práticas cotidianas travestis é estruturada a partir de tensões dinâmicas entre polos de centro e margem de relações de poder, tanto relacionadas a fatores motivacionais, quanto aos fatores espaciais de conectividade, as estratégias de deslocamento e finalmente, as práticas de controle dos territórios, através das atividades da prostituição. Esta geografia travesti coloca-se como multidimensional, sendo estruturada a partir de simultaneidades diversamente contraditórias de uma plêiade de relações sociais [...] (ORNAT, 2011, p. 213).

A trajetória de Marcio Ornat com os estudos sobre a prostituição e as territorialidades travestis não se encerrou nestes trabalhos. Felizmente, o autor dispõe de outros estudos originais e orientações para com pesquisadoras/es do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) sob coordenação da professora Joseli Maria Silva, que juntamente com Maria das Graças Nascimento Silva da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Susana Maria Veleda da Silva da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e Benhur Pinós da Costa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) representa nacionalmente e internacionalmente as Geografias subversivas ou as Geografias malditas, como ela mesmo já se referiu em suas obras, palestras, etc.

Todas essas iniciativas acadêmicas não foram por acaso, surgiram de coleções de pareceres negativos de nossos artigos, sistematicamente rejeitados nas revistas científicas da geografia brasileira. Ora porque os temas e sujeitos não eram considerados próprios do campo da geografia, ora porque a linguagem utilizada era afrontosa para os padrões exigidos no mundo acadêmico [...] Mesmo assim, não nos resignamos às negativas e não nos conformamos com as fronteiras estabelecidas pelas tradições impostas pelo campo científico que sentenciava não haver possibilidade de pensar gênero e sexualidades na análise geográfica (SILVA, 2020, p. 178).

Dessa rede de pesquisadoras/es, germinaram estudos originais, potentes, e que têm visibilizado o debate de gênero e sexualidades em Geografia, bem como congregado uma

epistemologia geográfica latino-americana *queer*-feminista com outros grupos de pesquisadoras/es (MARTINEZ, 2018; ALVES, PEDROSO e GUIMARÃES, 2019; SANTOS, 2020; MILANI e LIMA, 2020; ESCOUTO e TONINI, 2021; BITETI, 2022; FREITAS e FERNANDEZ, 2022; MOREIRA e TONINI, 2023, entre outras) e espaços acadêmicos (BORGHI, 2015; PITOŇÁK, 2019; TORRES, 2020; ZARAGOCIN, 2020, entre outras).

Isso em vista, executei um levantamento bibliográfico (Quadro 1) no intento de reunir alguns estudos (teses e dissertações) que revelam esse arranque *queer*-feminista na Geografia. Após a leitura e discussão dos respectivos, teçi alguns comentários e partilhei alternativas e/ou sugestões temáticas, especialmente, para aquelas/aqueles que assim como eu se sentem afetadas/os por esses atos subversivos, malditos...criativos.

## Resultados e discussões

A coleta dos trabalhos (teses e dissertações) em Geografia sobre a prostituição no site da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foi realizada entre os dias 12 e 14 de maio de 2023. Utilizei da busca em modo avançado e os critérios de seleção foram: I) trabalhos arquivados entre 2016-2020; e II) títulos e resumos em quais aparecem os termos ‘prostituição’ e/ou ‘prostitutas’. Sigamos com a apresentação (Quadro 1) e discussão dos respectivos.

**Quadro 1** - Teses e Dissertações sobre Geografias prostitutas (2016-2020)

Ano/Tipo	Título	Autoria/IES <sup>2</sup>	Palavras-chave	Enfoque geográfico
2016/Dissertação	Poder e Sexo: uma análise dos territórios de prostituição no centro de Campina Grande - PB	DINIZ, Ana Cláudia Araújo/ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Poder e Sexo; Pluralismo Territorial e Tecido Humano; Prostituição; Segregação Socioespacial	Geografia Urbana; Geografia Histórica
2016/Dissertação	As territorialidades da prostituição às margens da rodovia BR-153 em Araguaína-TO	PALMEIRA, Marlucy Souza Albuquerque/ Universidade Federal do Tocantins (UFT)	BR-153; Territórios; Prostituição; Sujeitos Sociais	Geografia Urbana

<sup>2</sup> Instituição de Ensino Superior.

2016/Tese	Processo de construção dos atores, padrões de sexualidades homossexuais e os Tlovers na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XXI	PIMENTEL, Ivan Ignacio/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Ciberespaço; Identidade; Masculinidade; Prostituição; Território; Travestis	Geografia Urbana; Geografia das redes
2017/Tese	Nem santas nem putas, apenas mulheres: espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagem em Ponta Grossa – PR	PRZYBYSZ, Juliana/Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	Espaço relacional; Interseccionalidades; Maternagens; Prostituição	Geografia Urbana; Geografia do Trabalho
2017/Dissertação	Por dentro da “batalha”: espacialidades e relações socioterritoriais da prostituição de rua no centro de Curitiba (PR)	TANGERINA, Rafael da Silva/Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Prostituição; Espaço Urbano; Território; Curitiba	Geografia Urbana
2020/Dissertação	Territorialidades da prostituição feminina no entorno da Av. Farrapos em Porto Alegre	NEVES, Rita Stamer/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Prostituição; Território; Mulheres Trans; Mulheres Cis	Geografia Urbana

**Fonte:** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

**Elaboração:** PEQUENO (2023).

Ana Cláudia Diniz<sup>3</sup> (2016) em sua pesquisa intitulada “Poder e Sexo: uma análise dos territórios de prostituição no centro de Campina Grande - PB” buscou compreender os atos e/ou

<sup>3</sup> Utilizo o nome e sobrenome dos/as autores/as como posicionamento político-científico fundamentado na proposta de uma escrita situada (HARAWAY, 1995), tendo em vista que muitas vezes o sobrenome consiste num dispositivo de marcação de poder associado sobretudo com o patriarcado, e não raro, nossas interpretações diante de uma citação são enviesadas pelo masculino universal (“O homem” “O sujeito” etc.).

ações que viabilizam a existência e resistência da prostituição no centro de Campina Grande - PB. Para tanto, a autora mobilizou conceitos de poder, medo e segregação socioespacial.

Na discussão do primeiro, a autora fez um breve resgate histórico da evolução do conceito de território em Geografia desde os estudos clássicos de Friedrich Ratzel. Mostrou-se favorável às ideias e/ou noções de território e territorialidades propostas pelos geógrafos brasileiros Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza. Desta feita, considerou as correspondências dos territórios flexíveis e dos territórios informais para com a prostituição no espaço urbano.

[...] A partir da sua flexibilidade característica, o território pode desenvolver-se e/ou estagnar-se e/ou reduzir-se mediante o poder exercido diante dos indivíduos pertencentes ao território e principalmente diante daqueles que não pertencem ao mesmo, mas que almejam expandir suas áreas de influência territorial [...] os territórios a que nos referimos não se configuram de forma concreta como os político-administrativos, mas sim de forma abstrata e de certa maneira irregular e, em virtude dos indivíduos que os ocupam, acabam por ser considerados socialmente marginais (DINIZ, 2016, p. 31).

A autora se baseou no estudo de Luciana da Cruz (2010)<sup>4</sup> para compreender como o medo tem se tornado um fenômeno eminentemente urbano que constrange, interdita e engendra atos e/ou estratégias de controle e “segurança” na cidade. Estas pois, revelam que:

Todo este processo de medo social terá como consequência primária a inserção de todo e qualquer tipo de técnica ou aparato que seja considerado como fator de segurança, e isto irá causar uma reação em cadeia que será visualizada no espaço da cidade como um todo [...] (DINIZ, 2016, p. 38).

Antes de adentrar na discussão do seu objeto de estudo, qual seja, a prostituição no centro de Campina Grande - PB, a autora fez um resgate histórico da prostituição no intuito de reafirmar que tal prática surgiu na antiguidade.

Percebe-se que a prostituição iniciou na Grécia Antiga como uma ação de cunho ritualístico, voltada à adoração das divindades cultuadas no período em questão, a julgar pelo fato de que quem realizava estes rituais eram sacerdotisas em seus templos purificados de adoração. Essas sacerdotisas eram contempladas como deusas, símbolo da pureza e soberania na Terra. Acreditava-se serem elas a conexão entre os deuses e a população, sendo por

---

<sup>4</sup> Morfologias urbanas do medo: a materialização da (in) segurança em bairros nobres do Recife (2010).

isso, muito respeitadas e não apreciadas como meras prostitutas pela sociedade grega, pois suas ações não eram vistas como promíscua aos olhos dos cidadãos, e sim como verdadeira divindade que abençoava a todos (DINIZ, 2016, p. 47).

A prostituição teve seus sentidos e/ou valores modificados ao longo das transformações socioespaciais, e: “Nos dias de hoje, verifica-se que a prostituição possui seu intuito baseado na troca, seja ela financeira ou não, ou até serviços, que variam de acordo com a consonância entre as partes envolvidas no processo (o profissional e o cliente) [...]” (DINIZ, 2016, p. 47).

A autora também buscou fontes históricas para compreender as dinâmicas singulares do seu objeto de estudo, a prostituição praticada no centro de Campina Grande - PB. Neste sentido, constatou que:

Em Campina Grande, para a grande insatisfação da elite local, a rua onde se concentrava a maior parte do meretrício em meados do século XX, era a atual rua Major Juvino do Ó, comumente denominada na época de “Rói Couro”. Seu nome faz alusão à intensidade do comércio sexual no local. Para a elite campinense, isso se caracterizava como uma afronta para os letrados da época e para as suas senhoras e filhas, pois as mesmas tinham de dividir os diversos espaços da cidade com as “mulheres de vida fácil”, espaços tais como: os residenciais, os comerciais, os religiosos e principalmente os culturais [...] (DINIZ, 2016, p. 92).

Dos conteúdos e aos territórios atuais da prostituição na respectiva cidade paraibana, a autora verificou um certo tipo de organização e/ou divisão entre as/os profissionais do sexo, identificando assim três grupos: mulheres, travestis e michês (prostituição masculina). Os territórios apropriados por alguns desses para exercerem suas espacialidades foram as praças públicas:

Observa-se que na Praça da Morgação a presença de profissionais do sexo se restringe aos do sexo masculino, denominados como michês. Os mesmos são identificados através dos códigos exercidos entre este grupo em questão. Apesar de não identificarmos qual o motivo dessa seletividade espacial nota-se que, em alguns espaços, tem-se a presença de profissionais de ambos os sexos, mesmo que ocorra uma demarcação e/ou divisão territorial, contudo nesta praça o comando territorial da indústria do sexo seria apenas dos michês (DINIZ, 2016, p. 115).

Em suas considerações, a autora reconheceu a pluralidade de territórios que a prática da prostituição engendra no centro de Campina Grande - PR, e como estas são atravessadas por

relações de poder e condicionadas por estigmas da sociedade, esta mesma que consome os serviços ofertados pelas prostitutas e michês. Por fim, chama atenção para o fato de que as autoridades políticas que representam os interesses do povo, desconsideram as demandas e/ou necessidades das prostitutas e michês, principalmente no que se refere ao reconhecimento de suas atividades como trabalho formal e o acesso aos direitos que poderiam ser adquiridos com isso.

Marlucy Palmeira (2016) em sua pesquisa “As territorialidades da prostituição às margens da rodovia BR-153 em Araguaína-TO” engajou-se na compreensão dos usos e os territórios instituídos por mulheres e travestis que exercem a prostituição enquanto trabalho na então referida rodovia.

A autora realizou uma discussão histórica sobre a emergência da prostituição na sociedade e os processos históricos que constituíram (e constituem) o seu recorte espacial, qual seja, a cidade de Araguaína - TO. Posteriormente com a pesquisa de campo, a autora identificou dois territórios de prostituição demarcados por grupos distintos:

No espaço urbano de Araguaína as mulheres e os travestis que se prostituem às margens da rodovia BR-153 constroem dois territórios distintos e bastante disputados. Os travestis ocupam uma área às margens da rodovia, na Avenida Bernardo Sayão, entre as ruas Santos Dumont e Cônego João Lima. As mulheres ocupam o pátio de um posto de combustível, chamado Toca da Onça, localizado em frente ao DAIARA (Distrito Agroindustrial de Araguaína), também às margens da rodovia [...] (PALMEIRA, 2016, p. 44).

Dos fatores que favoreceram o estabelecimento de territórios demarcados entre os grupos que ali exercem a prostituição e que são reconhecidos pela sociedade tocantinense como tais, observou-se que:

A instalação de territórios de prostituição às margens de rodovias se deve ao intenso tráfego de veículos, o que aumenta potencialmente o número de clientes; o fato de geralmente, serem áreas que não contam com vizinhança; e a existência de estabelecimentos comerciais, como postos de combustível, que servem como ponto de apoio aos sujeitos sociais envolvidos na atividade de prostituição (PALMEIRA, 2016, p. 47-48).

Para mais a autora constatou a existência de outros espaços em que as práticas de prostituição são manifestadas ainda que de forma mais restrita:

Existem em Araguaína, outros pontos tradicionais de prostituição, como a Feirinha, uma área que possui bancas fixas para a comercialização de alguns produtos oriundos do campo (farinha, verduras, carnes e etc.), e também algumas vielas compostas por pequenas edificações onde funcionam bares, abertos diuturnamente. À noite esse espaço é tomado, quase que em sua totalidade, por prostitutas e usuários de drogas. Além da Feirinha existem casas de prostituição, sob o disfarce de bares e boates de strip-tease, distribuídas em inúmeros bairros e chácaras nas imediações da cidade. Elas são as mais tradicionais entre as “modalidades” da atividade de prostituição (PALMEIRA, 2016, p. 45).

Quanto às negociações que são feitas para com a manutenção desses territórios, Palmeira (2016) pontuou que as relações de poder que se dão entre as sujeitas estudadas baseando-se nos pressupostos de Claude Raffestin. Por conseguinte,

Os sujeitos sociais que compõem esses territórios não dividem o mesmo espaço para evitar conflitos, pois a disputa por essas áreas ocorre de forma bastante hostil e até violenta. Essa divisão territorial se deve principalmente a um fator cultural, pois segundo relatos dos próprios travestis, os clientes têm muita resistência em contrair um programa com um travesti, em detrimento de uma mulher, havendo certo constrangimento gerado pelo machismo [...] (PALMEIRA, 2016, p. 55).

Observa-se neste argumento o tensionamento entre cisgeneridade versus travestilidade que influencia no regime de trabalho e as sociabilidades entre tais sujeitos em razão do estigma social atribuído àquela última. A autora, contudo, deixou escapar a discussão das expressões de gênero dissidentes (nesse caso, as travestis) enquanto determinantes da prostituição.

Estudo semelhante foi encaminhado por Rita Neves (2020) que analisou a prostituição feminina na Avenida Farrapos localizada em Porto Alegre - RS. Evidentemente, o contexto da metrópole gaúcha revela divergências em termos de processos históricos e os conteúdos que emergem da prostituição que é praticada no interior do Tocantins, conforme discutimos anteriormente.

Consideradas tais ressalvas, Neves (2020) se propôs a identificar os diferentes territórios da prostituição feminina formados por mulheres cisgêneros e mulheres transgêneros. Para com estas, a autora aplicou entrevistas semiestruturadas (outra distinção em relação ao trabalho anterior). Me atenho a discussão de tal procedimento metodológico adotado pela autora, pois acredito que é neste que reside a maior riqueza do seu trabalho.

Primeiramente, Neves (2020) destacou as dificuldades em contatar o grupo focal escolhido, revelando assim o processo de estranhamento entre pesquisador-estrangeiro e

pesquisado-nativo, bastante discutido nos estudos antropológicos que preconizam a etnografia como método. Desta feita, a autora expôs que:

[...] Apesar de não terem sido aplicadas técnicas invasivas nos territórios, até por questão de segurança, algumas prostitutas ofereceram resistência antes de conceder as entrevistas, mesmo com a indicação de pessoas conhecidas. Desse modo, os encontros foram marcados em locais próximos da Farrapos, para que a presença da entrevistadora não fosse interpretada como invasão de território [...] (NEVES, 2020, p. 42).

Ao se pretender estudar grupos sociais marginalizados e/ou estigmatizados a partir de uma orientação metodológica que se quer qualitativa (observação-participante, etnografia, entrevistas, etc.) há que se ter em conta a recusa do nosso grupo focal. Principalmente, se respectivos grupos observam em nós marcas sociais que fazem com que se sintam constrangidos (por exemplo, um pesquisador/a heterossexual cisgênero que se dispõe a estudar grupos LGBT+).

No caso do trabalho de Neves (2020) possivelmente ela foi interpelada pelas mulheres prostitutas em razão de sua classe e sua identidade de gênero. Isto, todavia, não deve ser encarado por nós como um impeditivo para a execução de nossas pesquisas, mas sim como um desafio e/ou ponto de partida em buscar alternativas metodológicas que reconheçam tais distanciamentos como de fato são: multiplicidade de vivências. Em relação a estas, Cristina Moura (2003) certificou-se de que:

A pesquisa em meio urbano vem tradicionalmente apresentando alguns desafios específicos, como, por exemplo, formas de trabalhar com a diversidade dos mundos que se sobrepõem, com pessoas que transitam entre eles, com diferentes potenciais de metamorfose. Talvez a característica mais marcante da vida nas grandes cidades seja a extensão dos campos de possibilidades dentro dos quais os indivíduos e grupos podem elaborar projetos [...] (MOURA, 2003, p. 43).

Com entrevistas contemplando questões sobre vida pessoal, relacionamentos, trabalho e situações de opressões e/ou violência, Rita Neves (2020) proporcionou um canal de diálogo em sua dissertação ao apresentar os relatos adquiridos pelas suas interlocutoras. Em suas considerações argumentou em favor dos estudos das territorialidades engendradas sujeitos e/ou grupos marginalizados e/ou estigmatizados a partir de uma teoria feminista, ou melhor, uma

geografia feminista que reconhece o espaço enquanto resultado primeiro de relações entre gêneros, e que estas se revelam imbricadas com classe, raça, sexualidade etc.

O último trabalho dos selecionados ao qual gostaria de tecer alguns comentários é a tese “Processo de construção dos atores, padrões de sexualidades homossexuais e os Tlovers na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XXI” desenvolvida por Ivan Pimentel (2016) que a título de curiosidade foi orientado pelo professor Miguel Ângelo Ribeiro com quem trabalhou o tema da prostituição desde o mestrado.

Pimentel (2016) mostrou-se engajado na elaboração de uma pesquisa geográfica orientada pela perspectiva dos estudos sobre as masculinidades contra-hegemônicas (homossexuais, *Tlovers* e travestis), a linguística e a historiografia dos movimentos sociais no Brasil. O tema da prostituição apareceu associado com os *Tlovers* e travestis no âmbito do ciberespaço, e foi para com aqueles que direcionei minha leitura.

A princípio, *Tlovers* trata-se de uma expressão que contempla homens cisgêneros e heterossexuais envolvidos em matrimônio e que realizam aventuras sexuais de forma exclusiva com travestis. Contudo, o autor ressalta que outros grupos dissidentes, principalmente, os homossexuais, interpelam os primeiros também como homossexuais ainda que não se declarem como tal (PIMENTEL, 2016).

Ao pretender estudar com mais profundidade o grupo focal *Tlovers* o autor descreveu os desafios percorridos para contatar tais sujeitos, e uma das alternativas que foi descoberta no desenrolar do trabalho de campo, qual seja, a de pesquisar tais práticas no ciberespaço em qual a exposição dos *Tlovers* é facilitada em razão de fóruns criados por sujeitos com mesmos interesses, fetiches, etc. Tais comunidades, conforme destacado por Pimentel (2016) extrapolam as fronteiras nacionais, consistindo numa prática recorrente em países como Espanha, França, entre outros.

O principal ponto de encontro entre Tlovers no Brasil é o Fórum do site Acompanhantes [...] Ali Tlovers relatam os mais diversos tipos de experiências com as Tgatas, e as classificam como Lista Branca (LB) e Lista Negra (LN). Esse referencial serve de base para outros Tlovers, pois ao classificar uma TGata, o Tlover enfatiza todas as suas características durante os programas, que vão desde qualidade do sexo oral, passando pela higiene, educação, tempo do programa, tamanho do pênis e, por último, se o programa foi realizado em privê, as características do local (chuveiro, toalha limpa, limpeza e segurança) (PIMENTEL, 2016, p. 208).

Dos motivos e/ou fatores que implicam os *Tlovers* a escolherem o ciberespaço para expressar seus desejos, fetiches e/ou relatar sobre suas experiências, o autor sugere que: “[...] diante do conservadorismo e da necessidade de ser homem com “H” maiúsculo, a figura do *Tlover* ainda encontra como subterfúgio a vivência no ciberespaço como forma de preservar a sua identidade perante a sociedade” (PIMENTEL, 2016, p. 210).

Por constituírem redes de sociabilidade, originam-se também hierarquias de acordo com as experiências que são reconhecidas e qualificadas entre os seguintes pares: moderador global, frenético e usuário comum.

A hierarquia é estabelecida mediante os programas realizados e a quantidade de informações postadas no site. Por exemplo: o moderador global, na maior parte das vezes, é um *Tlover* antigo, com muitas experiências com as travestis e entre as travestis, possuindo a capacidade de apagar postagens que sejam consideradas ofensivas ou “desnecessárias”. O Frenético independe do tempo de *Tlover*, pois este caracteriza-se por postar muitas fotos tiradas durante os programas, além de diversos comentários sobre as travestis com quem saiu ou que pretende sair. Por último o *Tlover* comum, que apenas visita o site para obter mais conhecimento sobre o “mundo trans” e dificilmente realiza postagens ou comentários (PIMENTEL, 2016, p. 212).

A hierarquia se torna mais complexa quando envolve debates sobre a performance sexual realizadas pelo *Tlover*, ou seja, se durante o programa este foi ativo ou passivo, descortinando assim, um habitus machista que atravessa as relações entre os pares (PIMENTEL, 2016). Isso reverbera também em discursos falocêntricos que foram descritos pelo o autor sobre *Tlovers* que preferem travestis que possuem pênis grandes e que durante o ato sexual performam somente como ativas.

A originalidade temática, o rigor metodológico empregado e a riqueza de detalhes dos resultados transformam o estudo de Pimentel (2016) em um oásis queer-geográfico. Relatos, fotografias, mapas se fundem com teorias e conceitos de uma maneira muito bem conduzida, sem incorrer em exageros e/ou equívocos. Sem dúvidas, um trabalho que deve ser lido por aqueles/as que assim como eu se mostra engajado nessa empreitada crítica, autor-representativa e contra-hegemônica.

Dos títulos que foram selecionados bem como dos comentários que fiz sobre alguns trabalhos deixa ver que os estudos geográficos sobre a prostituição privilegiam as corporeidades de mulheres, ou seja, as feminilidades, e estas, quase que exclusivamente, são reconhecidas no contexto urbano de metrópoles nacionais. Daí algumas sugestões para estudos futuros: I)

prostituição masculina; II) prostituição em cidades médias e/ou pequenas; III) prostituição em cidades fronteiriças; IV) prostituição no âmbito do turismo sexual.

Aproveito, aliás, a oportunidade para situá-lo/la de recentes produções que têm aderido alguma dessas sugestões, por exemplo, a prostituição masculina (SANTOS; RODRIGUES, 2021, 2022), prostituição em cidades médias (BRANQUINHO; DUTRA, 2022).

Outrossim, pude observar a predominância de referências que discute o território articulado com o poder e as imbricações para com os sujeitos que exercem a prostituição. Outra sugestão: ampliar o enfoque teórico para com a discussão de conceitos como o de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), performatividade (BUTLER, 2003), entre outros.

Por fim, reitero que são sugestões e que estas não minimizam as potencialidades pronunciadas por nossas/os colegas. Pelo contrário. São quase 30 trinta anos desde que a Geografia se permitiu falar sobre prostitutas e michês. 30 anos geografando junto com sujeitos e/ou grupos que reivindicam uma ciência geográfica de fato holística e com comprometimento social. Momento de celebrar!

### **Considerações e motivações**

As motivações pessoais para com a escrita do presente texto residem nas minhas primeiras experiências da graduação em Geografia que iniciei em 2018. Recordo-me de um seminário solicitado numa das disciplinas do primeiro ano do curso em que o tema era de livre escolha pelos grupos formados.

Inicialmente, participei de um grupo com duas moças e um rapaz. Propus a seguinte temática: violência contra as mulheres em Mato Grosso do Sul. Fui interpelado pelo rapaz. Disse-me que o tema era polêmico, não tinha nada de interessante para contribuir com a disciplina, geraria conflitos na turma, etc. Rebatí. Disse-lhe que o Mato Grosso do Sul liderava os casos de feminicídios no país, e que a Geografia poderia se apropriar dos relatórios e dados estatísticos divulgados para encaminhar uma análise crítico-social. Ainda assim, o rapaz não se mostrou favorável e decidiu sair do grupo. Ficamos, por fim, em trio. As colegas não somente aceitaram seguir com a temática proposta como acharam-na interessante e deram sugestões de fontes.

Antecipo-me em dizer que tal situação não gerou inimizade com o rapaz, pelo contrário, em semestres posteriores trabalhamos juntos e sempre que possível conversávamos sobre as

aulas. Contudo, a situação experienciada revela alguns processos que merecem uma reflexão mais atenta.

1) A opinião de que o tema era polêmico foi dada por um homem, ainda que se tratasse de situações e do cotidiano de mulheres; 2) Em nenhum momento o rapaz perguntou as moças integrantes do grupo se o tema para elas era importante, se elas sentiam-se confortáveis em debater este com a turma; 3) O adjetivo de polêmico e a recusa pelo tema expressado por àquele reforça o silenciamento que a sociedade e demais instituições (Estado, escola, universidade, etc) dispõem cotidianamente para com tal fenômeno que em primeira instância demanda políticas públicas efetivas.

Ainda que o tema violência de gênero não tenha sido o foco na minha escrita, os sujeitos (principalmente as mulheres) que exercem a prostituição como trabalho também estão suscetíveis ao feminicídio e/ou transfeminicídio, e que tais casos são ainda mais fáceis de serem velados, afinal, o estigma que a prostituição dispõe juntamente com os estigmas dos corpos que a praticam favorecem um cenário que se quer necrobiopolítico (BENTO, 2018).

Tratar como polêmicas as experiências e/ou demandas de sujeitos que foram (e seguem sendo) historicamente subjugados/as e reféns de uma cosmovisão de mundo masculina, misógina, heterossexual, cristã e patriarcal, revela uma posicionalidade que consente e permite que tais processos se perpetuem.

A Geografia enquanto saber estratégico (LACOSTE, 1988) e o discurso geográfico enquanto produtor de verdades podem ser mobilizados de maneira que venha positivar esse *modus operandi* social ou transgredi-lo. Para com este último, o primeiro passo, creio eu, consiste no *reconhecimento de* e no *falar/registrar sobre*. Nesse sentido, a minha atitude foi para com a celebração das geografias prostitutas.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 25 mai. 2023.

ALVAREZ, Sonia. Feminismos latinoamericanos. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12008>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

ALVES, Natália Cristina; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 09–24, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6435>. Acesso em: 27 mai. 2023.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653413>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BITETI, Mariane. Geografia e ontologia no debate dos feminismos. **Revista Tamoios**, v. 18, n. 2, p. 6-21, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/65547>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

BORGHI, Rachele. O espaço à época queer: contaminações queer na geografia francesa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 133-146, 2015. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

BRANQUINHO, Evânio.; DUTRA, Jean. Territorialização da Prostituição Transexual e Travesti em Alfenas/MG. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p. 201--227, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/issue/view/886>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Traducción: Fermín Rodríguez. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

DINIZ, Ana Cláudia Araújo. **Poder e Sexo: uma análise dos territórios de prostituição no centro de Campina Grande - PB**. 151f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

ESCOUTO, Caio Maliszewski; TONINI, Ivaine Maria. A geografia ainda está no armário? Silêncios e naturalização no espaço escolar. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 409–428, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12445>. Acesso em: 27 mai. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Edjango Lima; FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. Territorialidades LGBTQIA+ em uma escola: invisibilidades e estratégias de resistência a partir do ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**, v. 8, n. 17, p. 39-58, 31 jul. 2022. Disponível em: <[https://periodicos.uff.br/ensaios\\_posgeo/article/view/52304](https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/52304)>. Acesso em: 28 mai. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 27 mai. 2023.

LACOSTE, Yves. **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 15 ed. Campinas: Papirus, 1988.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro; MELO, Vico Dênis Sousa de. colonialidade do poder e suas subjetividades. **Teoria e Cultura**, v. 15, n. 2, p. 231-242, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. Espaços distorcidos: feminismos, teorias queer e geografias. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 40, p. 52-67, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/5714>. Acesso em: 27 mai. 2023.

MATOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 15, n. 1, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4327>. Acesso em: 26 mai. 2023.

MILANI, Patricia Helena. Contribuições da epistemologia feminista para as pesquisas geográficas. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas**, v. 1, n. 34, p. 125-150, 24 dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/12991>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

MILANI, Patricia Helena; LIMA, Bianca de Oliveira. A Geografia e a Violência de Gênero: Um Olhar a partir de Três Lagoas – MS. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 77-97, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/15385>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MOREIRA, Carlos André Gayer; TONINI, Ivaine Maria. **Espacialidades Transgressoras: Gênero e sexualidades na Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

MOURA, Cristina Patriota de. Vivendo entre muros: o sonho da aldeia. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas Urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 43-54.

NEVES, Rita Stamer. **Territorialidades da prostituição feminina no entorno da Av. Farrapos em Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, 2020.

ORNAT, Marcio José. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa - PR**. 160f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

ORNAT, Marcio José. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 279f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

PALMEIRA, Marlucy Sousa Albuquerque. **As territorialidades da prostituição às margens da rodovia BR-153 em Araguaína - TO**. 87f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, 2016.

PIMENTEL, Ivan Ignácio. **Processo de construção dos atores, padrões de sexualidades homossexuais e os Tlovers na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XXI**. 273f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências, 2016.

PITONĀK, Michal. Lições da ‘Periferia’: Contrariando a Hegemonia Anglo-Geográfica sobre as Geografias de Sexualidade e Gênero. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 227 - 251, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/14913>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

PRZYBYSZ, Juliana. **Nem Santas Nem Putas, Apenas Mulheres: Espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagens em Ponta Grossa –Pr**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas corporificadas. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 51–62, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6421>. Acesso em: 24 mai. 2023.

RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Prostituição de Rua e Turismo: A Procura do Prazer na Cidade do Rio de Janeiro. **Geo UERJ**, n. 3, p. 53-65, 1998. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/48989>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Dinâmica, espacialidades e relações homocomerciais: o exemplo da sauna de boys na urbe carioca. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 213-234, 2015. Disponível em: <[https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7274/pdf\\_208](https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7274/pdf_208)>. Acesso em: 26 mai. 2023.

SANTOS, Felipe Alan Souza; RODRIGUES, Jovenildo Cardoso. Análise geoespacial da prostituição masculina na cidade de Aracaju/SE. **Revista Geomae**, v. 12, n. 2, p. 26-44, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/geomae/article/view/5845>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

SANTOS, Felipe Alan Souza; RODRIGUES, Jovenildo Cardoso. O cotidiano urbano de garotos de programa de Aracaju/SE. **Geografia em Questão**, v. 15, n. 1, p. 9-27, 2022. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/26798>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

SANTOS, Roseli Alves dos. Mulheres e Geografia – reflexões pertinentes?. **Geografia em Atos (Online)**, v. 3, n. 18, p. 227–242, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7965>. Acesso em: 27 mai. 2023.

SILVA, Joseli Maria. ‘Relatos de si’: Eu, a Geografia e o indizível no campo científico. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 173–189, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7888>. Acesso em: 24 maio. 2023.

TANGERINA, Rafael da Silva. **Por dentro da “batalha”**: espacialidades e relações socioterritoriais da prostituição de rua no centro de Curitiba (PR). 180f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, 2017.

TORRES, Martin Ignacio. Masculinidades y geografía: experiencias de hombres trans en el espacio hegemónico de Santiago de Chile. **Geografia em Atos (Online)**, v. 1, n. 16, p. 76–94, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7342>. Acesso em: 20 mai. 2023.

ZARAGOCIN, Sofia. Geografía feminista descolonial. **Geopauta**, v. 4, n. 4, p. 18-30, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/7590>. Acesso em: 20 mai. 2023.

*Recebido em 01 de abril de 2023.  
Aceito em 04 de maio de 2023.  
Publicado em 14 de junho de 2023.*